A plataforma exportadora de celulose gaúcha no "espelho chinês"*

*Maria Domingues Benetti***

Economista da FEE

1 Antecedentes e objetivos

Em um artigo publicado recentemente (Benetti, 2008), tratou-se da implantação — processo em curso na Metade Sul do Estado — de uma plataforma exportadora de pasta celulósica de eucalipto para o mercado internacional por três grandes e tradicionais cadeias globais, nacionais e internacionais, atuantes na área de celulose e papel: a Votorantim, a Aracruz e a Stora Enso. A Tabela 1 permite observar-se a importância das mesmas no segmento produtivo brasileiro.

Salientou-se nele, com base em evidências, a importância dos novos projetos para a diversificação da matriz produtiva estadual e para o seu comércio externo. Argumentou-se que o processo corresponde a um movimento de reestruturação geográfica da cadeia de celulose e papel nos âmbitos nacional e internacional, patrocinado por tradicionais *players* atuantes nesse mercado, e que tal movimento implica um deslocamento relativo dos investimentos de empresas tradicionais do Hemisfério Norte para o Sul, contemplando, de forma importante, países do Cone Sul (Chile, Argentina, Uruguai e Brasil). Propôs-se, do ponto de vista estritamente econômico, que o móvel principal desse processo era a busca, pela indústria instalada, de novas fontes de suprimento de matérias-primas e a custos decrescentes, em um contexto de expansão da demanda internacional pelo produto final.

Baseou-se tal proposição em informações sobre produtividade física das florestas nos principais países produtores de madeira para celulose. Mesmo sendo essa facilmente reconhecida como uma forte razão para explicar a realocação geográfica das atividades produtivas, como vem repetidamente mostrando a história, é natural que se avance na compreensão do fenômeno. Nessa direção, o texto que segue apresenta os resultados de um estudo que relaciona as mudanças geográficas às condições de oferta e demanda no mercado internacional, no passado recente.

---

* Artigo recebido em 10 abr. 2008.

O título deste texto foi tomado emprestado de um artigo muito interessante e provocativo, publicado recentemente pelo Professor Antonio Barros de Castro (Castro, 2008).

***E-mail*: benetti@fee.tche.br

Tabela 1

Importância das empresas selecionadas com projetos de expansão e/ou em instalação no Rio Grande do Sul no volume de produção de celulose e papel do Brasil — 2006

EMPRESAS	CELULOSE			PAPEL		
	Produção (t)	Participação %	Posição no *Ranking*	Produção (t)	Participação %	Posição no *Ranking*
Aracruz Celulose S/A	3 101 300	27,75	1	55 091	0,63	-
Votorantim C&P S/A	1 432 903	12,83	2	673 502	7,72	3
Subtotal A	4 534 203	40,58	-	728 593	8,35	-
Suzano Papel e Celulose	1 378 533	12,33	3	922 547	10,57	2
Klabin S/A	1 194 858	10,69	4	1 485 368	17,02	1
Cenibra — Celulose Nipo-Brasileira	935 802	8,37	5	-	-	-
International Paper do Brasil Ltda.	-	-	-	431 449	4,95	4
Ripasa S/A Celulose e Papel	-	-	-	426 034	4,88	5
Subtotal B	3 509 193	31,39	-	3 265 398	37,42	-
Subtotal A + B	8 043 396	71,97	-	3 993 991	45,77	-
Stora Enso Arapoti Ind. de Papel Ltda.	81 750	0,73	-	198 317	2,27	8
Outros	3 054 827	27,30	-	4 532 323	51,95	-
TOTAL	11 179 973	100,00	-	8 724 631	100,00	-

FONTE DOS DADOS BRUTOS: BRACELPA. Disponível em:< http://www.bracelpa.org.br>. Acesso em: mar. 2008.

2 Notas explicativas e fontes utilizadas

A fonte utilizada é a base de dados das Nações Unidas, a UNcomtrade; o período de investigação estende-se de 1992 a 2006; e o sistema de classificação utilizado é o Sistema Harmonizado (HS), vigente em 1992. Embora os dados sobre as exportações brasileiras já se achassem disponíveis para o ano de 2007, como não era essa a situação daqueles relacionados ao comércio mundial das *commodities* analisadas, considera-se o ano de 2006 como o último da série, para estabelecer comparações entre os dois âmbitos geográficos.

Trabalha-se com os Capítulos 47 e 48 e seus desdobramentos mais importantes, de acordo com a nomenclatura das *commodities* da UNcomtrade, que correspondem: o primeiro, a pastas de madeira ou de outras matérias fibrosas celulósicas e papel ou cartão de reciclar (desperdícios e aparas); e o segundo, a papel e cartão e obras de pasta de celulose, de papel ou de cartão. Ambos os capítulos compreendem uma série grande de mercadorias com características distintas e distintos valores agregados, que espelham a diversificação da produção a eles associada.

O Capítulo 47 compreende, segundo a Uncomtrade, sete grandes categorias de produtos, as quais se acham discriminadas na Tabela 2. As empresas em processo de expansão (Aracruz) e instalação no Rio Grande do Sul (Votorantim e Stora Enso) produzirão pasta química de celulose branqueada obtida de madeiras originárias de espécies florestais não coníferas, mais especificamente do eucalipto — incluídas no item 4703.29. As explicações sobre as espécies florestais coníferas e não coníferas e sobre o processo industrial de branqueamento encontram-se em nota da Tabela 2.

Tabela 2

Valor das exportações mundiais de pastas de madeiras e resíduos em geral para fabricação de papel (Capítulo 47) — 2003-06

(US$ milhões)

CÓDIGOS	DESCRIÇÃO	VALOR
47 (1)	**PASTAS DE MADEIRA E RESÍDUOS EM GERAL PARA FABRICAÇÃO DE PAPEL**	102 700,9
4701	**Pastas mecânicas de madeira**	1 497,1
4702	**Pastas químicas de madeira para dissolução**	5 028,3
4703	**Pastas químicas de madeira, à soda ou ao sulfato, exceto pastas para dissolução**	67 477,5
4703.1	Cruas	
4703.11	De coníferas	2 550,0
4703.19	De não coníferas (2)	101,7
4703.2	Semibranqueadeas ou branqueadas (3)	
4703.21	De coníferas (por exemplo, pínus)	37 778,9
4703.29	De não coníferas (por exemplo, eucalipto).	27 046,7
4704	**Pastas químicas de madeira, ao bissulfito, exceto pastas para dissolução**	3 066,2
4704.1	Cruas	
4704.11	De coníferas	177,6
4704.19	De não coníferas	10,5
4704.2	Semibranqueadas ou branqueadas	
4704.21	De coníferas	1 953,0
4704.29	De não coníferas	925,1
4705	**Pastas de fibras de madeira obtidas pela combinação de um tratamento mecânico e de um tratamento químico**	4 536,4
4706	**Pastas de fibras obtidas a partir a partir de papel ou de cartão reciclados (desperdícios e aparas) ou de outras matérias fibrosas celulósicas**	1 950,9
4707	**Papel ou cartão para reciclar (desperdícios e aparas)**	18 433,8

FONTE: UNCOMTRADE.Database. Disponível em: <http://comtrade.un.org/>. Acesso em: mar. 2008.

NOTA: Valores correntes.

(1) Constatou-se uma diferença, na totalização do Capítulo 47, entre o valor total extraído da base de dados e o valor da soma dos códigos que o constituem. A diferença apurada foi de US$ 710 milhões. (2) As espécies florestais não coníferas constituem madeiras duras (*hardwood*), originárias de regiões temperadas e tropicais, apresentam fibra curta e cor e densidade diversas, podendo-se citar, como exemplos importantes, o eucalipto, o mogno e o freijó. (3) O branqueamento das pastas é um processo no qual se reduz mecanicamente as madeiras de coníferas e de não coníferas a partículas, cozinhando-as, depois, em autoclave (tambor), junto a um licor constituído por hidróxido de sódio (pasta de soda) ou por uma mescla de hidróxido de sódio e sulfuro de sódio (pasta de sulfato) (<www.ftp.fao.org/docrep>).

3 Subsídios para a análise do processo de inserção do Rio Grande do Sul no comércio mundial de pasta celulósica de madeiras

3.1 A importância das pastas de madeira no comércio mundial das *commodities*, na cadeia de celulose e papel e no comércio brasileiro

No comércio mundial e na cadeia de celulose e papel

Os valores das exportações mundiais de pastas de madeiras em geral (Capítulo 47, Tabela 2), acumulados no período 2003-06, ultrapassavam U$ 100 bilhões. A Tabela 3 relaciona indicadores que permitem avaliar a importância dessas exportações frente ao total das *commodities* ao dos papéis, bem como ao de outros grupos importantes de mercadorias comercializadas no mercado mundial e com expressão nas vendas brasileiras e gaúchas.

Uma constatação que pode ser feita a partir desses dados é que as pastas celulósicas representam uma parte relativamente pequena do valor das vendas da cadeia produtiva de celulose e papel em âmbito mundial. Como se trata de contabilidade apurada sobre os preços das mercadorias, parte da diferença deve ser creditada ao valor agregado às mesmas, pois, enquanto as pastas de pínus e de eucalipto (itens 4703.21 e 4703.29 na Tabela 2) apresentam um preço médio por quilograma exportado de US$ 0,40 a US$ 0,50, quando se trata do papel, a relação sobe, em média, para cerca de US$ 0,90 a US$ 1,00.[1]

O maior valor (65,7%) das exportações das pastas (Capítulo 47) corresponde ao código 4703, pasta química de madeira não dissolvida, o qual, somado ao do código 4707, papel ou cartão para reciclar (17,9%)[2], atinge 83,6% do total das vendas.

Dentre as pastas em geral (47), sobressaem as do tipo branqueadas, incluindo as resultantes do processamento das madeiras de pínus (4703.21) e de eucalipto (4703.29), totalizando 63,1% do valor total. As exportações associadas ao pínus são relativamente mais importantes — 36,8% do valor total exportado — do que as relacionadas ao eucalipto — que representam 26,3% do valor das exportações de pastas.

A distribuição geográfica dos fluxos do comércio das pastas de madeira (47) revela uma característica importante, uma divisão espacial do trabalho onde os países do Hemisfério Norte — Estados Unidos e Canadá — assumem a liderança nas exportações das pastas oriundas de madeira da espécie florestal coníferas (pínus). Já os primeiros lugares nas exportações das não coníferas (eucalipto) são compartilhados entre esses países do Hemisfério Norte, a Indonésia e o Brasil, estes dois últimos, na verdade, ocupam, respectivamente, o primeiro e o segundo lugar no *ranking* dos maiores exportadores mundiais da mercadoria (Tabela 4).

Todavia é muito importante chamar atenção para o fato de que a exportação mundial de pastas de madeira de eucalipto (4703.29) vem crescendo muito mais que a de pínus (4703.21), mostrando que o mercado mundial está sendo abastecido em proporções crescentes de celulose pelo primeiro grupo, no qual Brasil se especializou.

[1] Esse é o preço médio ponderado das principais mercadorias exportadas, compreendidas no Capítulo 48 da nomenclatura. Para identificá-las, deve-se consultar as notas do Gráfico 3.

[2] É importante mencionar a contribuição desse produto, pois a China é grande compradora da mercadoria no comércio mundial, como será visto mais adiante.

Tabela 3

Participação das pastas de madeiras em geral nas exportações mundiais das *commodities* e nas de grupos de *commodities* selecionadas — 2003-06

PRODUTOS	VALOR (US$ 1000)	PARTICIPAÇÃO %
A - **Total das *commodities***	37 767 788 966	-
B - Pastas de madeiras em geral (Capítulo 47)	102 700 864	(1) 0,28
C - Papel (Capítulo 48)	530 785 765	(2)19,35
D - Óleos, sementes, grãos, frutos oleaginosos (Capítulo 12)	118 393 593	(3)86,74
E - Carnes comestíveis (Capítulo 02)	235 145 942	(4)43,67

FONTE: UNCOMTRADE. Database. Disponível em: <http://comtrade.un.org/>. Acesso em: mar.2008.
(1) Corresponde a B/A. (2) Corresponde a B/C. (3) Corresponde a B/D. (4) Corresponde a B/E.

Tabela 4

Valor das importações e das exportações dos principais países importadores e exportadores de pastas de madeiras ou de outras matérias de fibrosas celulósicas e de papel ou cartão para reciclar (desperdícios e aparas) e sua participação no mercado mundial — 2003-06

a) total das importações (Capítulo 47)

PAÍSES IMPORTADORES	VALOR (US$)	PARTICIPAÇÃO %
China	22 509 529 788	19,55
Alemanha	12 391 047 000	10,76
EUA	12 307 703 945	10,69
Itália	7 975 156 420	6,93
República da Coréia	5 845 409 155	5,08
Outros	54 121 868 728	47,00
TOTAL	115 150 715 036	100,00

b) total das exportações (Capítulo 47)

PAÍSES EXPORTADORES	VALOR (US$)	PARTICIPAÇÃO %
Canadá	21 897 868 945	21,32
EUA	19 879 321 417	19,36
Brasil	7 984 787 593	7,77
Suécia	7 610 618 625	7,41
Finlândia	4 928 674 913	4,80
Outros	40 399 592 678	39,34
TOTAL	102 700 864 171	100,00

Tabela 4

Valor das importações e das exportações dos principais países importadores e exportadores de pastas de madeiras ou de outras matérias de fibrosas celulósicas e de papel ou cartão para reciclar (desperdícios e aparas) e sua participação no mercado mundial — 2003-06

c) importação pasta química de madeira à soda ou ao sulfato, exceto pastas para dissolução, semibranqueadas ou branqueadas de não coníferas (código 4703.29)

PAÍSES IMPORTADORES	VALOR (US$)	PARTICIPAÇÃO %
China	5 203 667 213	15,58
Alemanha	4 564 456 000	13,66
EUA	3 482 611 343	10,43
República da Coréia	2 796 778 558	8,37
Itália	2 579 204 680	7,72
Outros	14 776 247 996	44,24
TOTAL	33 402 965 790	100,00

d) exportação de pasta química de madeira à soda ou ao sulfato, exceto pastas para dissolução, semibranqueadas ou branqueadas de não coníferas (código 4703.29)

PAÍSES EXPORTADORES	VALOR (US$)	PARTICIPAÇÃO %
Brasil	7 757 724 381	28,68
Indonésia	3 314 914 208	12,26
Canadá	3 111 379 929	11,50
EUA	2 629 276 440	9,72
Espanha	1 859 664 690	6,88
Outros	8 373 715 672	30,96
TOTAL	27 046 675 320	100,00

FONTE: UNCOMTRADE.Database. Disponível em :<http://comtrade.un.org/>. Acesso em: mar. 2008.

A celulose no comércio brasileiro

As pastas químicas de madeira de não coníferas (por exemplo, as de eucalipto) representavam sozinhas, em 2006, 1,8% do valor total das vendas externas brasileiras, ocupando o 14° lugar na lista dos produtos exportados, naquele ano.

Entretanto sua importância é ainda maior, ao tomar-se como referência a contribuição para os saldos da balança comercial do País. Ao observá-los agrupados segundo os gêneros da indústria de transformação, constata-se que, em 2006, os saldos líquidos do comércio de celulose e papel estavam entre os cinco maiores da lista, só superados pelos resultados das indústrias de produtos alimentares, material de transporte, metalúrgica e pelas exportações de madeira, justamente outro produto de base florestal e de baixo valor agregado. A soma dos saldos comerciais das duas mercadorias — pasta celulósica e madeiras — representava 28% dos saldos totais da balança naquele ano (Brasil, 2008).

3.2 Brasil: regulador da oferta mundial de celulose

O Brasil é tradicional exportador de pasta celulósica. Pelo menos desde 1990, aparece nas cinco primeiras posições (terceiro lugar em 2006), no *ranking* dos maiores exportadores mundiais de polpa de madeira para fabricação de papel (Capítulo 47).

O País especializou-se na exportação de um tipo de matéria-prima para fabricação do papel em geral: a pasta de celulose branqueada de eucalipto (4703.29). Quando se trata das exportações dessa mercadoria, ele assume a liderança no mundo, com o valor das vendas correspondendo a 28,7% do total mundial.

O Rio Grande do Sul é ainda marginal no abastecimento do mercado internacional de celulose e na formação de saldos comerciais da balança, conforme mostra a Tabela 5.

Todavia as empresas em processo de instalação no Estado visam à produção e à comercialização dessa matéria-prima no mercado externo. Tomando o ano de 2006 como referência, a produção estimada para ser vendida, no mercado mundial, pelas mesmas (cerca de três milhões de toneladas de pasta de eucalipto) corresponderia a pouco mais de 50% de tudo que o era exportado pelo País, o que permite concluir que será expressiva a contribuição do Estado nesse mercado, o que o deverá tornar, em conjunto com o Brasil, um importante formador de preços no mercado internacional.

Tabela 5
Indicadores da importância dos novos investimentos para a expansão da cadeia de celulose e papel em empresas do RS e do Brasil — 2000

DISCRIMINAÇÃO	BRASIL	RIO GRANDE DO SUL			
	Indicadores (A)	Indicadores (B)	Participação % B/A	Estimativa de novos investimentos (1) (C)	Δ% C/B (1)
Área de florestas plantadas com eucalipto (ha)	3 407 204	179 690	5,27	360 100	100,40
Madeira para papel e celulose (m^3) (2)	54 698 479	2 561 881	4,68	13 700 000	434,76
Celulose (t) (2)					
Produção	10 352 000	446 073	4,31	3 752 760	741,29
Exportações	5 441 000	352 634	6,48	2 966 669	741,29
Importações	310 000	18 169	5,86	0	-
Saldo	5 131 000	334 465	6,52	2 966 669	786,99
Papel (t)					
Produção	8 597 307	204 149	2,37	(3)-	-
Exportações	2 039 000	59 299	2,91	-	-
Importações	770 000	91 010	11,82	-	-
Saldo	1 269 000	-31 711	-	-	-

FONTE: ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA ABRAF 2007 — Ano-Base 2006. Brasilia: Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas, 2007. Disponível em: <http://www.abraflor.org.br/estatisticas.asp>. Acesso em: out. 2007.
ARACRUZ CELULOSE. Disponível em: <http://www.aracruz.com.br>. Acesso em: out. 2007.
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CELULOSE E PAPEL — BRACELPA. Relatório Estatístico 2006/2007. São Paulo, 2007.
IBGE/SIDRA. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/>. Acesso em: out. 2007.
STORA ENSO COMPANY. Disponível em: <www.storaenso.com>. Acesso em: out. 2007.
VOTORANTIM. Disponível em: <http://www.votorantim.com.br/ptb/>. Acesso em: out. 2007.
(1) Relaciona-se à produção esperada pela Aracruz, pela Votorantim e pela Stora Enso. (2) Corresponde à madeira e à celulose de pínus e eucalipto produzidas, no Brasil e no Rio Grande do Sul, em 2005; os novos investimentos relacionam-se à produção e ao processamento apenas da madeira do eucalipto. (3) Não há previsão de produção de papel nos projetos analisados.

3.3 China: o maior importador mundial de celulose

A demanda da China por pasta de madeira pode ser considerada como fator determinante do dinamismo do comércio dessa *commodity* (Gráfico 1).

Para os produtores de celulose de eucalipto (4703.29), como o Brasil e a Indonésia, a entrada forte da China no mercado internacional como compradora foi um fator propulsor das exportações. O país asiático, a partir de 1998, passou a constar na lista dos cinco maiores compradores mundiais da mercadoria, subindo de posição até ocupar a liderança das importações em 2002. Em 1992, o valor em dólares das importações de pasta de celulose da China representava 1% do total mundial; e, em 2006, 19,7% do mesmo (Tabela 6).

O Brasil e a Indonésia forneceram, em conjunto, 51% da matéria-prima proveniente de espécies florestais não coníferas (eucalipto, etc.) àquele País, ocupando o segundo e o primeiro lugar, respectivamente, na lista dos fornecedores. É interessante observar que a produção brasileira veio sendo substituída pela da Indonésia, nas compras chinesas, ao longo dos anos. Em 1992, as exportações brasileiras da pasta para a China representavam 3,5 vezes as da Indonésia; em 2006, não chegavam a se igualar às deste último país, sendo a relação de 0,7. É possível supor que o que ocorreu foi

uma insuficiência da oferta brasileira, vazio que, supostamente, foi preenchido pela produção do concorrente.

As informações contidas no Gráfico 1 ajudam a argumentar nesse sentido, ao mostrarem que a participação chinesa nas importações mundiais de pasta química de eucalipto sobem muito mais do que a importância relativa das exportações brasileiras nas exportações globais da mercadoria.

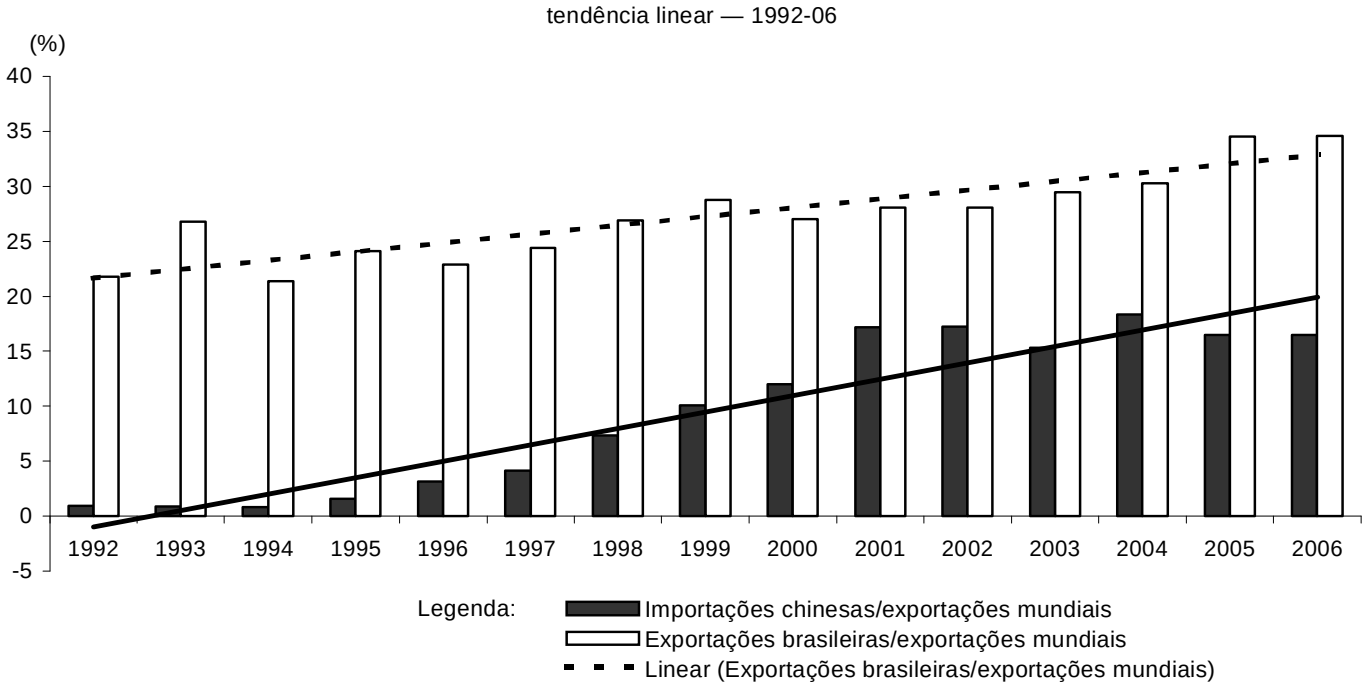
Na perspectiva de um horizonte de médio prazo, supõe-se que o aumento da produção brasileira, inclusive o resultante dos novos investimentos no Rio Grande do Sul (produção estimada em três milhões de toneladas para exportação), irá permitir ao País voltar a abastecer, de forma mais significativa, o mercado chinês. De qualquer modo, as vendas da celulose para o mercado chinês figuravam em segundo lugar na lista das principais exportações brasileiras para o país asiático, só superadas pelas de soja em grão (Brasil, 2008).

A importância chinesa no mercado internacional de papel é inexpressiva com relação ao da celulose, tendo mesmo sofrido redução de 3,4% para 2,9% entre 1992 e 2006, podendo as diferenças serem atribuídas a esforços de industrialização do País, focados na substituição de importações do produto final, no caso, de papel.[3]

É interessante observar que a China é também a maior compradora de papel para reciclar (código 4707) no mercado mundial — cujo preço médio das importações equivale a cerca de 20% a 30% do valor das pastas químicas —, respondendo por 44,4% do valor total das importações mundiais.

Gráfico 1

Participação das importações chinesas e das exportações brasileiras de pasta química de madeira de não coníferas (eucalipto, por exemplo) no volume físico das exportações mundiais e tendência linear — 1992-06



FONTE DOS DADOS BRUTOS: UNCOMTRADE: Database. Disponível em: <http:/contrade.unmg.org/>. Acesso em: mar. 2008.

[3] A Stora Enso anunciou, em janeiro de 2008, a produção de 200.000 toneladas do papel *super calendered* (SC) na Província de Shandong, na China, usando basicamente papel reciclado. Trata-se de uma associação com a empresa chinesa Shandong Huatai Paper, em que a filandesa possui 60% das ações, e a chinesa, 40% (Stora Enso Co., 2008).

Tabela 6

Participação das importações chinesas de pastas de madeira nas exportações mundiais — 2003-06

DISCRIMINAÇÃO	RESÍDUOS DE PASTAS E PAPÉIS (4707)		PASTA DE CONÍFERAS (4703.21)		PASTA DE NÃO CONÍFERAS (4703.29)	
	Valor (US$)	Quantidade (t milhões)	Valor (US$)	Quantidade (t milhões)	Valor (US$)	Quantidade (t milhões)
A - Importações chinesas	8 163	58,0	5 275	10,0	5 204	11,0
B - Exportações mundiais	18 409	155,0	37 779	70,0	27 047	65,0
A/B (%)	44,35	37,75	13,96	14,32	19,24	16,67

FONTE: UNCOMTRADE. Database. Disponível em: <http://comtrade.un.org/>. Acesso em: mar. 2008.

3.4 A abertura de novas fronteiras para o plantio de florestas e as repercussões no comportamento do preço dos produtos

O comportamento de longo prazo dos preços internacionais das pastas de madeira é decrescente, quer se considere a de eucalipto (4703.29), onde se inserem as exportações brasileiras, quer a de pínus (4703.21). Todavia a primeira delas esteve cotada em níveis inferiores e apresentou uma queda maior do que os preços internacionais da celulose de pínus.

Contudo, ao acompanhar-se a evolução dos preços ao longo do período e a das quantidades exportadas, pode-se extrair uma constatação interessante (Gráfico 2).

A linha representativa do comportamento das quantidades exportadas das pastas de madeira de pínus era descendente nos anos 90, voltando a crescer a partir de 2000. Entretanto, somente a partir de 2003, retornou ao patamar inicial. Observa-se que, nos anos iniciais, quando decresceram de forma importante as quantidades, os preços subiram (até a metade dos anos 90). Esse comportamento poderia estar refletindo problemas de abastecimento no mercado mundial da matéria-prima, associados tanto à indisponibilidade de terras para expansão das florestas como à incapacidade de aumentar a produtividade nas áreas tradicionalmente produtoras. E isso em um contexto de aquecimento da demanda, alavancado pela entrada da China nesse mercado como compradora de celulose para fabricação de papel.

Se for mesmo assim, então, o comportamento da oferta de pasta de pínus (4703.21) poderia ter tido desdobramentos importantes sobre a rentabilidade da indústria de papel — uma vez que os preços não subiram muito no período, ou melhor, até se apresentaram em ligeiro declínio —, o que poderá ter induzido o processo descrito de abertura de novas fronteiras para florestamento, abarcando, nesse movimento, as terras brasileiras em geral e as gaúchas em particular (Gráfico 3).

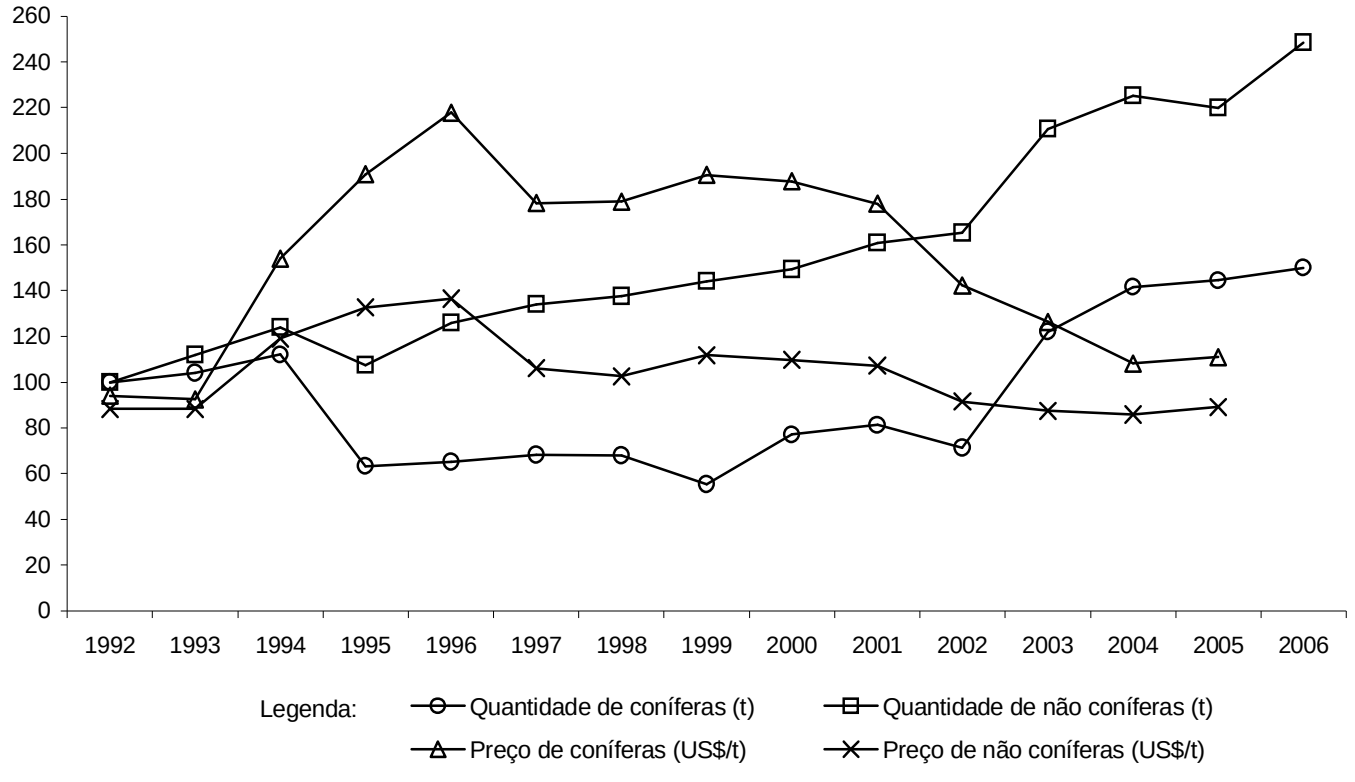
Observe-se, agora, o comportamento das exportações de pastas de eucalipto (4703.29). O mercado internacional passa a ser abastecido em proporções crescentes com a matéria-prima proveniente das novas fronteiras agrícolas, onde as condições naturais (clima e solo), aliadas a tecnologias de ponta (caso do Brasil, como bom exemplo), redundam em maior e crescente produtividade.

Sendo assim, poder-se-ia concluir que o aumento da produção e da produtividade da matéria-prima, especialmente o associado ao plantio de florestas nas novas fronteiras, regulou o mercado internacional, não apenas impedindo a subida dos preços, mas também os forçando para baixo.

Tendo em vista o movimento dos preços, e conhecida a produtividade alcançada nas plantações de países do Cone Sul — uma das regiões importantes por onde avança o plantio das florestas —, pode-se dar um passo adiante e sugerir que os ganhos de produtividade estão sendo transferidos para a indústria do papel via exportações. Se uma única empresa ou grupo (como a Stora Enso) está presente em toda a cadeia de celulose e papel ou se encontra associada, sob alguma forma econômica, a outras empresas ou grupos dentro da cadeia produtiva, o ganho de produtividade será transferido através das exportações intrafirma(s) ou intragrupo(s).

Gráfico 2

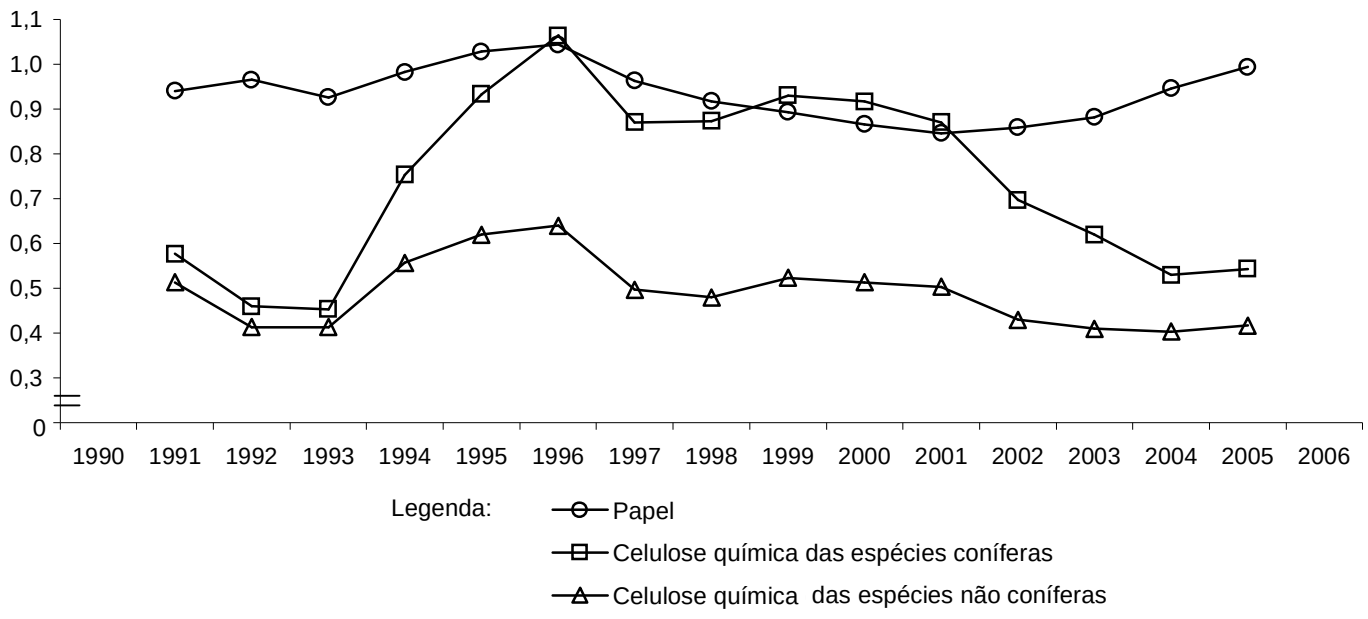
Evolução das quantidades exportadas de pastas químicas de madeiras e dos respectivos preços médios no mundo — 1992-06



FONTE DOS DADOS BRUTOS: UNCOMTRADE. Database. Disponível em : <http:/comtrade.um.org/>. Acesso em: mar. 2008.
NOTA: Os dados têm como base 1992 = 100.

Gráfico 3

Médias móves trienais centradas dos preços das exportações mundiais de papel e celulose — 1990-06



FONTE DOS DADOS BRUTOS: UNCOMTRADE. Database. Disponível em: http://comtrade.un.org/>. Acesso em: mar. 2008.

NOTA: 1. Preços médios ponderados dos principais itens exportados, posições 4802, 4811, 4818 e 4819.

2. Preços médios da celulose química das espécies coníferas — pínus, por exemplos —, branqueada, posição 4703.4.

3. Preços médios da celulose química das espécies não coníferas — eucalipto, por exemplos —, posição 4703.29, onde estão incluídas as exportações brasileiras.

4 Concluindo

O processo de estruturação de uma importante indústria de celulose no Rio Grande do Sul aponta a implantação de uma plataforma exportadora de matéria-prima de baixo valor agregado na própria cadeia produtiva de celulose e papel, em outras cadeias de base florestal, bem como em agroindústrias de base alimentar, também produtoras típicas de *commodities.* Tomando-se a balança comercial do agronegócio brasileiro, constata-se que as vendas brasileiras de carnes bovinas — mercado onde se inserem as exportações da Metade Sul do Estado — renderam, em 2007, US$ 2,711/kg; as de mobília e construções, US$ 1,780; às de papel, US$ 0,847; enquanto as de celulose, apenas US$ 0,459, aproximando-se esse valor ao do obtido com a exportação das madeiras, ou seja, US$ 0,487 (Brasil, 2008).

Dito isso e nesse sentido, o processo seria apenas mais um caso demonstrativo do padrão atual de inserção da economia brasileira no mercado mundial — exportador de mercadorias intensivas em recursos naturais[4] —, subsidiando a discussão sobre essa controvertida questão. Não é objetivo deste trabalho estabelecer uma discussão tão complexa. Todavia, conhecidos seus resultados, é impossível deixar de pensar o processo descrito como sendo uma revisitação ou atualização da forma histórica de inserção da economia brasileira no mercado mundial — bem entendido, tudo isso acontecendo em um mundo mais complexo, onde vigem outros padrões tecnológicos e outras escalas de produção e comércio.

Por último, como uma ressalva, quer-se deixar registrado que, mesmo assim, isto é, mesmo sendo essa a interpretação que se faz do fenômeno, não se desconhecem os efeitos positivos que poderá ter a estruturação da indústria de celulose sobre a economia da Metade Sul do Estado — ainda mais quando se têm presentes a insuficiente diversificação da matriz produtiva regional e a sua incapacidade histórica de vencer obstáculos estruturais ao desenvolvimento.

Referências

BENETTI, Maria D. Indicadores da formação de uma plataforma exportadora de celulose no Rio Grande do Sul. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 35, n. 3, p. 7-20, fev. 2008.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. SECEX. **Sistema Alice**. Disponível em: <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>. Acesso em: mar. 2008.

CASTRO, Antonio Barros de Castro. **Espelho da China**. Disponível em: <www.getinternet.ipea.gov.br/seminariosdimac/>. Acesso em: 29 abr. 2008.

PUGA, Fernando. A especialização do Brasil no mapa das exportações mundiais. **Visão do Desenvolvimento**, BNDES, n. 36, 10 set. 2007.

STORA ENSO COMPANY. **Letter to shareholders**. Finlândia, 2006. p. 6. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Stora_Enso>. Acesso em: out. 2007.

[4] Ver, a respeito dessa discussão, Puga (2007).